

Os Desafios da Sustentabilidade

O aquecimento global tema antes restrito a cientistas ganha a atenção da sociedade em geral e é uma boa referência do ciclo perverso de retroalimentação que envolve o setor produtivo.

Este sofrerá severamente e em escala mundial, o **ônus da degradação ambiental**, que até aqui foi transferido para a sociedade sobretudo para os estratos inferiores da pirâmide social, já que o bônus do uso dos recursos naturais tende a se concentrar no topo.

Al Gore, afirma no filme e no livro “Uma Verdade Inconveniente”, que: “se não mudarmos o rumo das formas atuais de geração de energia e outros padrões de produção, **em dez anos assistiremos a um descontrole geral no clima do planeta**”.

No seu livro “**Os Desafios da Sustentabilidade – uma ruptura urgente**” Fernando Almeida, engenheiro do Conselho Diretor do Instituto de Estudos Avançados da Universidade das Nações Unidas, aborda com propriedade a questão que nos interessa no artigo - **o foco na recriação dentro dos parâmetros da sustentabilidade**.

“Saberão se recriar e, portanto, sobreviverão, as empresas que entenderem e praticarem a gestão da inclusão social/melhoria de qualidade de vida e a gestão da perenização dos recursos naturais”.

Em outubro de 2006, o governo britânico divulgou os resultados de um estudo sobre os efeitos das alterações climáticas na economia mundial, produzido por uma equipe liderada por **Sir Nicholas Stern**, economista do Banco Mundial.

O Relatório Stern (disponível em http://www.hm-treasury.gov.uk/independent_reviews/stern_review_economics_climate_change/stern_review_report.cfm) é uma ampla investigação sobre a mudança climática, comandada por economistas e não por estudiosos do clima.

O documento de **setecentas páginas** estima que os riscos e danos associados ao aquecimento global equivalerão **à perda anual de até 20% do Produto Mundial Bruto**.

Por outro lado, a aplicação anual de **apenas 1% do mesmo Produto Mundial Bruto em medidas de controle do efeito estufa evitaria os piores danos**.

Entre as conseqüências, estarão **perdas na agricultura, enchentes e secas que provocarão a maior migração da história da humanidade: mais de 100 milhões de pessoas**.

O Tratado de Quioto, que instituiu a redução de 5,2% (em relação a 1990) das emissões dos países desenvolvidos, não foi ratificado por grandes emissores como os Estados Unidos e Canadá.

Pior que isso: o percentual de redução, negociado em 1997, deveria, tecnicamente, ter sido de **60% sobre os índices de 1990**, e não de **5,2%**, de acordo com cientistas.

Pior ainda: dados recentes divulgados pela ONU indicam que, em vez de redução, houve de fato **um aumento de 4% nas emissões entre 2000 e 2004**.

Aqui entra o conceito da **destruição criativa** como mecanismo para reversão das atuais tendências globais.

A **destruição criativa** e seus fundamentos teóricos foram formulados numa série de obras publicadas nas décadas de 1930 e 1940 por **Joseph Alois Schumpeter**, economista austríaco radicado nos Estados Unidos.

Schumpeter formulou uma **Teoria sobre os Ciclos dos Negócios**, baseada em conceitos como: **inovação, revoluções técnicas, mudanças institucionais e destruição criativa**.

Para ele, a **destruição criativa** é o fato essencial do capitalismo: um processo incessante de revolução da estrutura econômica a partir de dentro do próprio capitalismo.

“O impulso fundamental que inicia e mantém o movimento da máquina capitalista decorre de novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados, das novas formas de organização industrial que a empresa capitalista cria”

As inovações criadas pelas empresas capitalistas provocariam incessantes mutações no interior do capitalismo, continuamente **destruindo o velho para dar lugar ao novo**. A isso, ele chamou de **destruição criativa**.

Em 2001, os norte-americanos Richard Foster e Sheila Kaplan retomaram a expressão para levantar uma nova tese: a de que no mundo capitalista as empresas morrem porque operam a partir da premissa da continuidade, em um ambiente que, por natureza, é descontínuo.

A destruição criativa é um processo de transformação radical em uma empresa em curto espaço de tempo relativo. Em *O capitalismo na encruzilhada*, Stuart L. Hart compara as características da destruição criativa com as da melhoria contínua.

Enquanto na gestão via **melhoria contínua o foco** está no produto, no processo, nos fornecedores, nos clientes e nos acionistas, na gestão via **destruição criativa o foco** está, respectivamente, na tecnologia, no mercado, nos parceiros, nas necessidades e nos **stakeholders** (isto é, nos diferentes grupos afetados pela empresa ou que a afetam).

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental –
rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br